



Conflito no Oriente Médio: A Interação Geopolítica entre Israel, Hamas e Irã no Século XXI

Conflict in the Middle East: The Geopolitical Interaction Between Israel, Hamas, and Iran in the 21st Century

Luiz Tadeu Sichero Castanho

Pesquisador do Centro de Pesquisa Internacional Integralize.

Resumo: O Oriente Médio permanece como uma das regiões mais instáveis do cenário internacional, marcado por disputas territoriais, religiosas e políticas que envolvem diversos atores estatais e não estatais. No centro desse contexto, a relação entre Israel, o grupo palestino Hamas e a República Islâmica do Irã, constituem uma tríade geopolítica que influencia diretamente a dinâmica dos conflitos regionais. O presente estudo tem como objetivo analisar a interação entre esses três atores no século XXI, destacando os interesses estratégicos, as alianças ideológicas e os embates militares que caracterizam suas relações. Para isso, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, baseada em revisão bibliográfica e análise documental de fontes acadêmicas e institucionais. Argumenta-se que a aliança entre Hamas e Irã, sustentada por fatores religiosos, políticos e geoestratégicos, intensifica a oposição ao Estado de Israel, o que compromete as tentativas de resolução diplomática e amplia os riscos de escalada bélica. A análise também busca compreender como Israel tem reagido a essa articulação, tanto por meio de ações militares quanto de estratégias diplomáticas e de segurança. Ao investigar a interação geopolítica entre Israel, Hamas e Irã, este estudo contribui para o entendimento das causas profundas do conflito e para o debate sobre possíveis caminhos para a estabilidade regional. A relevância do tema se justifica pela centralidade do Oriente Médio nas relações internacionais contemporâneas e pelo impacto global das tensões ali vivenciadas.

Palavras-chave: geopolítica; conflito no Oriente Médio; Israel, Hamas e Irã.

Abstract: The Middle East remains one of the most unstable regions in the international arena, marked by territorial, religious, and political disputes involving various state and non-state actors. At the core of this context, the relationship between Israel, the Palestinian group Hamas, and the Islamic Republic of Iran constitutes a geopolitical triad that directly shapes the dynamics of regional conflicts. This study aims to analyze the interaction among these three actors in the 21st century, highlighting the strategic interests, ideological alliances, and military clashes that characterize their relations. To this end, the research adopts a qualitative approach, based on a literature review and documentary analysis of academic and institutional sources. It argues that the alliance between Hamas and Iran—sustained by religious, political, and geostrategic factors—intensifies opposition to the State of Israel, undermining diplomatic resolution efforts and increasing the risks of military escalation. The analysis also examines how Israel has responded to this alignment, through both military actions and diplomatic and security strategies. By investigating the geopolitical interaction between Israel, Hamas, and Iran, this study contributes to understanding the underlying causes of the conflict and to the debate on possible pathways toward regional stability. The relevance of this topic lies in the centrality of the Middle East in contemporary international relations and in the global impact of the tensions experienced in the region.

Keywords: geopolitics; Middle East conflict; Israel, Hamas, and Iran.

INTRODUÇÃO

O Oriente Médio permanece, no século XXI, como uma das regiões mais instáveis e geoestrategicamente relevantes do mundo. As disputas territoriais, religiosas e políticas entre diferentes atores regionais alimentam ciclos recorrentes de violência e tornam a paz uma meta distante. No centro dessa instabilidade, destaca-se a complexa interação entre Israel, o grupo palestino Hamas e a República Islâmica do Irã, cujas relações são marcadas por confrontos diretos e indiretos, rivalidades ideológicas e estratégias de dissuasão mútua.

A criação do Estado de Israel em 1948, a expulsão de centenas de milhares de palestinos e a subsequente ocupação de territórios alimentaram um ressentimento profundo entre o povo palestino e o Estado israelense. O Hamas, surgido como força de resistência durante a Primeira Intifada, consolidou-se como protagonista na Faixa de Gaza e assumiu uma postura militante contra Israel. O Irã, por sua vez, posiciona-se como um ator-chave ao apoiar financeiramente e militarmente o Hamas, mesmo com as divergências religiosas entre o xiismo iraniano e o islamismo sunita do grupo. Essa aliança é sustentada pela oposição comum ao Estado israelense e pela busca por influência regional.

Em 2025, a tensão atingiu um novo patamar com o confronto militar direto entre Israel e Irã, quebrando a lógica tradicional de guerra por procuração e revelando o potencial destrutivo da escalada regional. O ataque iraniano ao hospital Soroka e os bombardeios israelenses contra instalações nucleares demonstram a gravidade do momento e suas implicações humanitárias, diplomáticas e estratégicas.

Este estudo tem como objetivo analisar a interação geopolítica entre Israel, Hamas e Irã no contexto contemporâneo, com ênfase nos eventos de 2025, e discutir como essas relações moldam a dinâmica de conflito no Oriente Médio. Para isso, adota-se uma abordagem qualitativa, com base em revisão bibliográfica e análise de reportagens, documentos e fontes acadêmicas. A estrutura do trabalho está organizada em seis seções: após esta introdução, apresenta-se a revisão de literatura, a metodologia adotada, a análise dos eventos recentes, a discussão crítica e, por fim, a conclusão com as principais reflexões e implicações do estudo.

REVISÃO DE LITERATURA

Israel e sua Política de Segurança

Desde sua fundação em 1948, Israel tem enfrentado constantes ameaças à sua existência, o que moldou profundamente sua política de segurança. O país adota uma estratégia baseada na dissuasão militar, na capacidade de resposta imediata e no fortalecimento de alianças internacionais, especialmente com os

Estados Unidos. Segundo Rabinovich (2011), a doutrina de segurança israelense prioriza a superioridade tecnológica, a inteligência militar e ataques preventivos, particularmente diante de ameaças não estatais, como o Hamas, e estatais, como o Irã. Israel também tem investido em sistemas de defesa, como o Domo de Ferro, e em operações pontuais para conter o fortalecimento de grupos armados na Faixa de Gaza e no Líbano.

Entretanto, para compreender a raiz da hostilidade de muitos palestinos em relação ao Estado de Israel, é necessário voltar à sua origem. O movimento sionista, que defendia o retorno dos judeus à Palestina, ganhou força no final do século XIX e foi impulsionado pelas perseguições sofridas na Europa, especialmente durante o Holocausto. Em 1947, a ONU aprovou a Resolução 181, que propunha a partilha do território palestino em dois Estados: um judeu e um árabe. Os líderes sionistas aceitaram, mas os países árabes e os palestinos rejeitaram a proposta, considerando-a injusta e imposta.

Em 14 de maio de 1948, foi proclamado o Estado de Israel. No dia seguinte, eclodiu a Primeira Guerra Árabe-Israelense, e centenas de milhares de palestinos foram expulsos ou fugiram de suas terras — evento que os árabes chamam de Nakba (catástrofe). Para muitos palestinos, o nascimento de Israel está diretamente ligado à perda de suas casas, terras e identidade nacional (Morris, 2004; Bunton, 2013). Essa narrativa histórica alimenta até hoje o ressentimento, a desconfiança e o desejo de retorno, sendo um elemento central na perpetuação do conflito.

Assim, a política de segurança de Israel não se resume apenas a estratégias militares, mas está diretamente relacionada a um contexto histórico de origem conflituosa, marcado por deslocamentos populacionais, disputas territoriais e narrativas opostas sobre legitimidade e soberania.

O Papel do Hamas na Resistência Palestina

O Hamas, acrônimo de Harakat al-Muqāwama al-Islāmiyya (Movimento de Resistência Islâmica), foi fundado em 1987 durante a Primeira Intifada, como uma dissidência da Irmandade Muçulmana. Desde sua origem, o grupo combinou discurso religioso islâmico com ação política e militar, apresentando-se como uma alternativa mais combativa frente à então dominante Organização para a Libertação da Palestina (OLP).

Segundo Bunton (2013), o Hamas tem como objetivo declarado a libertação total da Palestina histórica e a criação de um Estado islâmico, o que inclui a negação do direito à existência do Estado de Israel. Essa posição, expressa na sua carta fundacional de 1988, fez com que Israel, Estados Unidos e União Europeia o classicassem como uma organização terrorista. No entanto, o grupo também possui forte atuação social, com a criação de escolas, clínicas e instituições de caridade que o tornaram popular especialmente na Faixa de Gaza.

Em 2006, o Hamas venceu as eleições legislativas palestinas e, após um conflito com o Fatah, assumiu o controle exclusivo da Faixa de Gaza em 2007. Desde então, a região tem sido palco de sucessivos confrontos entre o Hamas e Israel,

com disparos de foguetes por parte do grupo e operações militares de retaliação israelenses. Essas ações têm intensificado o cerco à Gaza e a crise humanitária local, ampliando o apoio popular ao Hamas como símbolo de resistência.

Para muitos palestinos, o Hamas representa não apenas uma força armada, mas um instrumento de defesa frente ao que percebem como ocupação e opressão israelense. Essa dualidade, entre organização terrorista e representante legítimo da resistência, contribui para a complexidade do conflito e para os impasses nas tentativas de negociação de paz (Pappé, 2016).

A Geoestratégia do Irã no Oriente Médio

O Irã desempenha um papel central na política do Oriente Médio, especialmente após a Revolução Islâmica de 1979, que transformou o país em uma república teocrática xiita¹ liderada pelo aiatolá Ruhollah Khomeini. Desde então, o regime iraniano adotou uma postura de enfrentamento à influência ocidental na região, com especial hostilidade a Israel, que é chamado de “entidade sionista”² pelo discurso oficial iraniano.

A política externa do Irã está baseada em uma combinação de ideologia religiosa e pragmatismo estratégico. De acordo com Gilles Kepel (2017), o regime busca exportar a revolução islâmica e ampliar sua influência regional por meio de alianças com grupos xiitas e milícias islâmicas em países como Líbano, Síria, Iraque e Iêmen. No entanto, o apoio ao Hamas, um grupo sunita revela a flexibilidade da diplomacia iraniana, quando há convergência de interesses geopolíticos.

Ao financiar e armar grupos como o Hezbollah no Líbano e o Hamas na Faixa de Gaza, o Irã fortalece seu poder de dissuasão contra Israel e contra aliados dos Estados Unidos, como Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos. Segundo Michael Herzog (2021), essa rede de alianças permite ao Irã operar por meio de “proxies”³, ou seja, forças aliadas que atuam em seu nome, evitando confrontos diretos, mas mantendo constante pressão militar e política sobre seus inimigos.

Além disso, o programa nuclear iraniano tem sido motivo de tensões recorrentes com Israel e com a comunidade internacional. Israel considera um Irã nuclearizado como uma ameaça existencial e já declarou que usará todos os meios possíveis para impedir esse avanço.

1 Uma das duas principais vertentes do Islã, o xiismo defende que apenas os descendentes diretos do profeta Maomé, iniciando com Ali ibn Abi Talib, possuem legitimidade para liderar a comunidade muçulmana. Presente majoritariamente no Irã, essa vertente valoriza o martírio, a liderança espiritual dos aiatolás e a espera pela vinda do imã oculto (Mahdi). Desde 1979, o Irã é governado por uma teocracia xiita que influencia diretamente sua política externa.

2 Movimento político e nacionalista judeu surgido no final do século XIX, que defende o direito do povo judeu a estabelecer um Estado independente na região da Palestina, considerada sua terra ancestral. O sionismo foi impulsionado pelo antisemitismo europeu e consolidado com a criação do Estado de Israel em 1948.

3 Forma de conflito indireto em que Estados ou potências utilizam grupos armados, milícias ou governos aliados para combater interesses inimigos, evitando confronto direto. No Oriente Médio, o Irã emprega essa estratégia ao apoiar militarmente atores como o Hezbollah no Líbano e o Hamas na Palestina, projetando influência regional sem envolvimento formal em guerras abertas.

Dessa forma, a atuação geoestratégica do Irã é central para entender o cenário de alianças, rivalidades e disputas de influência no Oriente Médio. Sua aproximação com o Hamas insere o conflito israelo-palestino dentro de uma disputa mais ampla, com dimensões religiosas, geopolíticas e ideológicas.

Conexões Entre Irã e Hamas

Apesar das diferenças sectárias — com o Irã sendo uma república islâmica xiita e o Hamas um grupo sunita ligado à Irmandade Muçulmana —, ambos compartilham um objetivo estratégico comum: a oposição ao Estado de Israel. Essa convergência de interesses geopolíticos tem permitido a construção de uma aliança que, embora pontuada por tensões e diferenças ideológicas, tem se mantido ativa e funcional desde o início dos anos 2000.

O apoio do Irã ao Hamas tem se materializado de diversas formas: financiamento direto, fornecimento de armamentos, treinamento de militantes e transferência de tecnologia para produção de foguetes e túneis subterrâneos na Faixa de Gaza. Segundo Michael Herzog (2021), essa parceria fortaleceu significativamente a capacidade militar do Hamas, permitindo que o grupo lançasse ataques mais sofisticados contra Israel e resistisse às operações militares israelenses.

A relação entre os dois sofreu abalos durante a Guerra Civil Síria, quando o Hamas rompeu com o regime de Bashar al-Assad aliado do Irã e apoiou a oposição sunita. Esse distanciamento foi temporário, e, nos últimos anos, o diálogo foi retomado. O Irã voltou a fornecer apoio estratégico ao Hamas, especialmente após a retomada dos confrontos com Israel em 2021 e 2023.

Essa aliança gera preocupações tanto para Israel quanto para potências ocidentais, pois amplia o espectro do conflito e dificulta os esforços diplomáticos. A atuação indireta do Irã por meio do Hamas é percebida como uma forma eficaz de manter o Estado judeu sob constante ameaça, sem se envolver diretamente em confrontos armados. Para o Hamas, a aliança representa uma fonte vital de recursos e legitimidade na resistência contra Israel (Kepel, 2017; Herzog, 2021).

Portanto, a parceria entre Irã e Hamas é mais do que uma relação de conveniência: trata-se de um eixo estratégico fundamental para compreender a escalada e a persistência do conflito no Oriente Médio.

O CONFLITO DIRETO ENTRE ISRAEL E IRÃ (JUNHO–JULHO DE 2025)

Historicamente marcada por confrontos indiretos e conflitos por procuração, a relação entre Israel e Irã assumiu um tom de confronto direto em meados de 2025. Este episódio representa uma escalada sem precedentes, com consequências políticas, civis e estratégicas de larga escala.

Retaliação Iraniana e Ataque ao Hospital Soroka

Em 19 de junho de 2025, o Irã lançou uma série de 20 a 30 mísseis balísticos, incluindo alguns equipados com munição de fragmentação (cluster), contra alvos em Israel, atingindo cidades como Beersheba, Tel Aviv, Ramat Gan e Holon⁴. Um desses mísseis atingiu diretamente o Soroka Medical Center, principal hospital do sul do país, causando danos graves e ferindo cerca de setenta e uma pessoas. Funcionários relataram vazamento químico e avaliação do ataque como possível crime de guerra⁵.

Autoridades israelenses afirmaram que o hospital fora evacuado parcialmente antes do impacto, o que salvou centenas de pacientes.

As lideranças políticas qualificaram o ataque como “crime de guerra”, e o ministro da Defesa Israel Katz acusou o líder supremo iraniano de responsabilidade direta.

Resposta Israelense: Ataques a Alvos Nucleares e Militares Iranianos

Em resposta ao ataque iraniano, Israel intensificou ataques preventivos contra infraestruturas iranianas, incluindo o reator de água pesada de Arak, centros nucleares em Natanz e Fordow, além de bases do IRGC (Corpo da Guarda Revolucionária Islâmica) e instalações de comando. Estima-se que dezenas de comandantes e cientistas iranianos tenham sido mortos nesta ofensiva.

Segundo relatórios da AP News, os ataques visaram impedir qualquer avanço nuclear, sendo realizados com o apoio de drones e aviões smuggled que penetraram o espaço aéreo iraniano⁶. O primeiro-ministro Netanyahu defendeu a ação como essencial à segurança nacional israelense.

Impacto Humano e Escalada Internacional

Durante essa fase de ofensiva e retaliação, o Irã teria disparado até 450 mísseis e 1.000 drones, com significativa parte interceptada pela defesa aérea israelense, porém resultando em ao menos 24 mortes em Israel e centenas de feridos. Em Beersheba, equipes de resgate localizaram corpos em edifícios residenciais destruídos dias após o ataque ao hospital⁷.

Diplomaticamente, o episódio gerou tensão global. Pressões internacionais levaram a discussões sobre um possível cessar-fogo mediado pelos EUA, embora

4 <https://apnews.com/article/israel-iran-war-nuclear-gaza-news-06-20-2025-8adbedb3427a76be7dbde4a18a05f75f?>

5 https://www.theaustralian.com.au/subscribe/news/1/?sourceCode=TAWEB_WRE170_a&dest=https%3A%2F%2Fwww.theaustralian.com.au%2Fworld%2Fisrael-threatens-to-exact-the-full-price-of-iranian-missile-strike-on-civilian-hospital%2Fnews-story%2F41f780431ea4609b2718654d4ccba0c5&mementype=anonymous&mode=premium&v21=GROUPB-Segment-1-NOSCORE&V21spcbehaviour=append

6 <https://apnews.com/article/iran-explosions-israel-tehran-00234a06e5128a8aceb406b140297299>

7 <https://apnews.com/live/iran-israel-war-updates-6-23-2025>

a cessação ainda fosse incerta após um primeiro prazo estabelecido por Trump. A crise elevou os alertas regionais: escolas fecharam, voos foram cancelados e autoridades alertaram a população para permanecer em abrigos pelo país.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

A interação entre Israel, Hamas e Irã configura uma das dinâmicas mais complexas e voláteis do sistema internacional contemporâneo. Esses três atores formam um triângulo estratégico no qual interesses ideológicos, religiosos e geopolíticos se sobrepõem, gerando uma sucessão de ciclos de confronto, escalada militar e colapso diplomático.

O ataque direto entre Israel e Irã em junho e julho de 2025 representa um divisor de águas nessa relação. Historicamente, o Irã utilizava o Hamas como proxy, apoiando financeiramente e militarmente o grupo palestino na Faixa de Gaza com o objetivo de manter pressão constante sobre Israel sem se envolver diretamente em confrontos armados. Essa estratégia fazia parte de uma guerra indireta que caracterizou grande parte das hostilidades regionais no século XXI. No entanto, os bombardeios israelenses contra instalações nucleares iranianas e a resposta com mísseis balísticos marcam uma mudança de paradigma, rompendo a lógica da contenção e sinalizando a disposição dos atores para assumir riscos mais elevados.

Essa escalada direta teve impacto também sobre o Hamas, que aproveitou o contexto para intensificar ataques a Israel em solidariedade ao Irã e para reforçar sua legitimidade como líder da resistência palestina. A retórica comum dos dois aliados voltou-se contra o que chamam de “agressão sionista e imperialista”, buscando mobilizar simpatizantes no mundo islâmico e pressionar Israel em múltiplas frentes. O resultado foi uma intensificação simultânea dos ataques de foguetes a partir de Gaza e das ações do Hezbollah no norte de Israel, evidenciando a coordenação indireta entre os braços militares da aliança anti-Israel.

Do ponto de vista estratégico, Israel tem sustentado uma política de dissuasão reforçada por superioridade tecnológica, inteligência avançada e diplomacia proativa. As ofensivas contra o Irã foram justificadas como medidas preventivas diante de avanços nucleares que poderiam representar uma ameaça existencial. No entanto, essas ações provocaram forte reação internacional e deixaram o país mais exposto a uma guerra em múltiplas frentes.

Já o Irã reafirma sua narrativa de resistência ao Ocidente, utilizando o conflito como ferramenta de mobilização interna e de projeção regional. A capacidade de retaliação demonstrada nas semanas seguintes aos ataques israelenses consolidou sua imagem de potência resiliente, ainda que o custo econômico e humano tenha sido alto.

O conflito de 2025 também ilustra o fracasso das iniciativas diplomáticas recentes. Os Acordos de Abraão, por exemplo, promovidos entre Israel e países árabes como Emirados Árabes Unidos e Bahrein, foram insuficientes para conter a lógica de confrontação. Pelo contrário, a aproximação entre Israel e países árabes

reforçou a percepção, por parte do Irã e do Hamas, de uma aliança regional contrária a seus interesses, o que pode ter acelerado a coordenação dos ataques.

Por fim, os eventos discutidos neste estudo revelam que a instabilidade no Oriente Médio não pode ser entendida apenas sob a ótica dos conflitos locais. A aliança entre Irã e Hamas, o papel estratégico de Israel e as implicações internacionais dos confrontos diretos apontam para uma regionalização do conflito com potencial de repercussão global, especialmente no contexto de disputas energéticas, deslocamentos populacionais e polarizações ideológicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo analisou a complexa interação geopolítica entre Israel, Hamas e Irã, destacando como essa tríade tem influenciado decisivamente a escalada dos conflitos no Oriente Médio no século XXI. A partir da revisão de literatura e da análise de eventos recentes, ficou evidente que os vínculos estratégicos entre esses atores vão além de questões territoriais e religiosas, configurando uma disputa por influência, segurança e poder regional.

A criação do Estado de Israel, em 1948, e a consequente expulsão e deslocamento de centenas de milhares de palestinos geraram ressentimentos históricos que perduram até os dias atuais. Nesse contexto, o Hamas emergiu como força política e militar da resistência palestina, contestando tanto a existência de Israel quanto os acordos diplomáticos moderados liderados pela Autoridade Palestina. Por sua vez, o Irã, sob liderança xiita, viu no apoio ao Hamas e a outros grupos armados uma oportunidade de ampliar sua projeção geopolítica e de desafiar a influência de Israel e dos Estados Unidos na região.

A intensificação dos confrontos entre Israel e o Hamas, com o apoio estratégico e logístico do Irã, tornou-se recorrente ao longo do século. No entanto, os acontecimentos entre junho e julho de 2025 representaram um ponto de inflexão: pela primeira vez em décadas, Israel e Irã se enfrentaram de forma direta, com ataques aéreos, bombardeios a infraestruturas críticas e danos civis de grandes proporções. Essa escalada colocou em xeque a lógica da guerra por procuração e revelou os limites das estratégias de dissuasão e contenção adotadas até então.

Diante disso, conclui-se que a relação entre Israel, Hamas e Irã configura uma estrutura de conflito persistente, em que cessar-fogos temporários e negociações pontuais não têm sido suficientes para transformar o cenário regional. A ausência de um processo de paz robusto e multilateral, aliado à radicalização das lideranças envolvidas, contribui para a perpetuação da violência. Em um contexto global de polarizações ideológicas e fragilidade das instituições multilaterais, o conflito analisa-se não apenas como local, mas como expressão de uma ordem internacional em transformação, onde o uso da força e a lógica da retaliação continuam prevalecendo sobre o diálogo diplomático.

REFERÊNCIAS

- BUNTON, Martin. **The Palestinian-Israeli Conflict: A Very Short Introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- HERZOG, Michael. **Iran's Support for Hamas and the Threat to Israeli Security**. The Washington Institute for Near East Policy, 2021. Disponível em: <https://www.washingtoninstitute.org>. Acesso em: jul. 2025.
- KEPEL, Gilles. **O Fracasso do Islã Político**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.
- MORRIS, Benny. **The Birth of the Palestinian Refugee Problem Revisited**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- PAPPÉ, Ilan. **A História da Palestina Moderna**. São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- RABINOVICH, Itamar. **The Lingering Conflict: Israel, the Arabs, and the Middle East 1948–2011**. Washington, DC: Brookings Institution Press, 2011.
- REUTERS. **Iran ready to respond to any new attack, says Supreme Leader**. 16 jul. 2025. Disponível em: <https://www.reuters.com>.
- AP NEWS. **Missile attack on Israeli hospital sparks global outrage**. 19 jun. 2025. Disponível em: <https://apnews.com>.
- YNET NEWS. **IDF confirms Soroka hospital hit by Iranian missile**. 19 jun. 2025. Disponível em: <https://www.ynetnews.com>.
- THE TIMES. **Israel bombs Iranian nuclear sites in dramatic escalation**. 15 jun. 2025. Disponível em: <https://www.thetimes.co.uk>.
- THE AUSTRALIAN. **Israel threatens to exact the full price after hospital attack**. 20 jun. 2025. Disponível em: <https://www.theaustralian.com.au>.
- TIMES OF ISRAEL. **Soroka hospital evacuates patients after missile strike**. 20 jun. 2025. Disponível em: <https://www.timesofisrael.com>.
- POLITICO. **Israel threatens Iran's top leader after missile attack damages hospital**. 19 jun. 2025. Disponível em: <https://www.politico.com>.